

Um orador e seu auditório: análise retórica do discurso de John Dewey sobre o darwinismo¹

Marcus Vinicius da Cunha
mvcunha@yahoo.com - USP

Daniele Cristine de Carvalho
Graduanda da Pedagogia - USP. Bolsista CNPq
danc.carvalho@gmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é discutir o ensaio “The influence of darwinism on philosophy” de John Dewey do ponto de vista da análise retórica, segundo os parâmetros adotados pelo Grupo de Pesquisa *Retórica e Argumentação na Pedagogia*, cuja metodologia é baseada em Aristóteles e autores componentes do movimento de revisão do pensamento aristotélico iniciado no século XX. A primeira parte do estudo traz uma apresentação de Dewey, focalizando seus qualificativos como orador que examina as relações da filosofia com o darwinismo e situando o ensaio “The influence of darwinism on philosophy” no interior da produção do autor. A segunda parte examina o discurso contido no ensaio, fazendo a sua caracterização do ponto de vista retórico. A terceira parte continua esse exame por meio de uma interpretação dos recursos argumentativos utilizados por Dewey, tendo em vista seu auditório.

Palavras chaves: John Dewey. Pragmatismo. Darwinismo. Análise Retórica.

An orator and his auditorium: rhetorical analysis of John Dewey's speech about Darwinism.

Abstract

The purpose of this work is to discuss the John Dewey's essay “The influence of darwinism on philosophy” by means of rhetorical analyses, according the parameters adopted by *Rhetoric and Argumentation in Pedagogy* Research Group, which methods are based on Aristotle's works and on authors that belong to the Aristotelian review movement started in 20th century. The first part presents the qualifications that allow Dewey to examine the relations between philosophy and Darwinism as orator, and situates the essay in the context of Dewey's works. The second makes a characterization of Dewey's discourse based on rhetoric. The third makes an interpretation of Dewey's discourse focusing his argumentative strategies considering the auditorium.

Key words: John Dewey. Pragmatism. Darwinism. Rhetorical Analyses.

Introdução

A pesquisa que deu origem a este trabalho integra um das linhas de investigação do Grupo de Pesquisa *Retórica e Argumentação na Pedagogia* (USP/CNPq), na qual se busca examinar as obras do filósofo americano, bem como as suas repercussões no pensamento educacional brasileiro entre as décadas de 1920 e 1960. Nessa linha de

¹ As pesquisas que deram origem a este trabalho contaram com subsídios do CNPq (Bolsas Produtividade em Pesquisa e Iniciação Científica). Este texto foi apresentado na forma de comunicação no IV Simpósio Internacional em Educação e Filosofia, Marília, 2011.

investigação, o referido Grupo de Pesquisa já produziu estudos sobre vários trabalhos de Dewey, tais como *Democracia e educação* (ver CUNHA, 2005; CUNHA, 2007b; CUNHA; SACRAMENTO, 2007); *Como pensamos* (ver CUNHA; RIBEIRO; RASSI, 2007); *Human nature and conduct* (ver ANDRADE, 2009); *Logic: the theory of inquiry* (ver ARAÚJO, 2009) e *The quest for certainty* (ver COSTA-LOPES; CUNHA, 2009; COSTA-LOPES, 2010).²

O método utilizado nesses estudos é fundamentado em obras de Aristóteles, especialmente *Analíticos*, *Tópicos* e *Retórica*, e de autores que integram o movimento de revisão do pensamento aristotélico iniciado na primeira metade do século passado (ver Berti, 1997), como Chaïm Perelman (ver PERELMAN, 1999; PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2002) e Stephen Toulmin (ver TOULMIN, 1990; TOULMIN, 2001).

Cunha (2007a) explica que essa metodologia permite analisar textos educacionais por meio dos parâmetros da situação retórica, a qual consiste na presença de um orador (o autor do texto) que emprega argumentos (o discurso veiculado no texto) para influenciar as disposições intelectuais e emocionais de um auditório (os leitores a quem o autor/orador se dirige). Nessa abordagem, procura-se caracterizar o *ethos*, ou seja, o autor, identificando os qualificativos sociais e institucionais que o posicionam como orador, no tocante ao tema focalizado. Busca-se também examinar o discurso (*logos*), do ponto de vista lógico e retórico, no intuito de compreender as estratégias empregadas para a persuasão da audiência. Além disso, faz-se uma caracterização das disposições do auditório (*pathos*), tanto no aspecto cognitivo quanto no emocional.

Seguindo essas orientações metodológicas, o presente estudo é composto por três partes: na primeira, faz-se uma apresentação de John Dewey, focalizando seus qualificativos como orador que se dispõe a abordar as relações da filosofia com o darwinismo, e situando o ensaio “The influence of darwinism on philosophy” no interior de sua produção intelectual; a segunda parte examina o discurso expresso no referido ensaio, buscando caracterizá-lo do ponto de vista retórico; a terceira parte dá continuidade a esse exame por meio de uma interpretação dos recursos argumentativos utilizados por Dewey, tendo em vista seu auditório.

² No presente trabalho, serão indicados em português somente os títulos de trabalhos de Dewey publicados no Brasil.

O orador

John Dewey era professor na Universidade de Columbia havia cinco anos quando escreveu “The influence of darwinism on philosophy”. Seu ingresso naquela instituição tinha ocorrido em 1904, após dez anos de trabalho em Michigan e outros dez em Chicago. No Teachers College dessa última Universidade, Dewey criou e dirigiu a Escola Laboratório, experiência que, segundo Valdemarin (2010), serviu de base às formulações educacionais que se encontram em várias de suas obras. “My pedagogic creed” (1897), *The school and society* (1899), *The educacional situation* (1901) e *A criança e o currículo* (1902), que já contêm as linhas mestras da proposta educacional deweyana, foram publicados enquanto Dewey ainda se encontrava em Chicago.³

Uma vez em Columbia, a Escola Laboratório continuou inspirando Dewey, o que resultou na elaboração de dois textos de grande relevância no conjunto de sua produção relativa a temas educacionais: *Como pensamos*, de 1910 (reformulado em 1933), e *Democracia e educação*, de 1916. A análise da cronologia de sua obra, no entanto, revela que, após a sua ida para aquela Universidade, seus principais escritos deram prioridade a assuntos de natureza estritamente filosófica. Com exceção dos dois livros aqui mencionados e de *Experiência e educação*, publicado em 1938, quando Dewey já estava aposentado, seus trabalhos de maior destaque enquadram-se em duas categorias que são alheias à educação, embora se possa dizer que sirvam de fundamento às suas teses pedagógicas.

Na primeira categoria incluem-se textos em que Dewey se dedica a aprofundar e alargar sua visão filosófica, como *Ethics* (1908, revisto em 1932), em coautoria com James H. Tufts; *Reconstrução em filosofia* (1920); *Human nature and conduct* (1922); *Experience and nature* (1925); *The quest for certainty* (1929); *Arte como experiência* (1934); *Logic: the theory of inquiry* (1938) e *Teoria da valoração* (1939). A segunda categoria contém trabalhos que discutem grandes temas políticos, sociais e culturais da época, como *The public and its problems* (1927); *Individualism, old and new* (1930); *A common faith* (1934); *Liberalismo e ação social* (1935) e *Liberdade e cultura* (1939).

“The influence of darwinism on philosophy” pertence à primeira dessas categorias, integrando uma série de ensaios escritos nos primeiros anos do autor em Columbia.⁴ Nos anos seguintes, ao mesmo tempo em que passou a se dedicar com maior

³ Sobre a atuação de Dewey em Chicago, ver também Moreira (2002).

⁴ Ver *The Middle Works of John Dewey*, v. 4 (1907-1909). No presente trabalho, todas as menções às obras completas de Dewey, incluindo sua cronologia, têm por referência Jo Ann Boydston, *The Collected Works of John Dewey*, publicação da Southern Illinois University Press, mediante consulta a Intellex Past Masters – Electronic Edition.

afinco à produção filosófica, Dewey tornou-se internacionalmente conhecido como um pensador da educação, o que se atribui não só à publicação de *Como pensamos* e *Democracia e educação*, mas também à iniciativa de seu colega William H. Kilpatrick. Incorporando as proposições gerais deweyanas, Kilpatrick criou uma proposta de ensino chamada Método de Projetos, um conjunto de “procedimentos unificados”, como diz Valdemarin (2010, p. 100), a ser aplicado por professores interessados em alternativas às fórmulas tradicionais de educação.

As proposições educacionais deweyanas são fundamentadas em concepções pragmatistas, sendo impossível compreender integralmente a sua proposta pedagógica sem situá-la no interior da filosofia que a sustenta. Dewey teve contato com o pragmatismo em meados da década de 1880 na Universidade de Michigan, onde trabalhou com George H. Mead e conheceu a obra de William James, ambos integrantes do grupo de intelectuais fundadores dessa corrente filosófica.⁵ Embora não coincidentes entre si, as filosofias de James e Mead sustentam que a mente é uma instância de mediação entre o homem e o meio social, em contraposição às teorias psicológicas vigentes que viam o organismo e o ambiente como elementos isolados e estanques.

A aproximação com os pragmatistas reorientou a visão filosófica de Dewey, que adotou integralmente as suas noções básicas, defendendo que o pensamento e a mente são instâncias dotadas de função instrumental no estabelecimento da continuidade entre o homem e o mundo.⁶ Menand (2001, p. ix) considera que as ideias dos pragmatistas impulsionaram os Estados Unidos em direção ao mundo moderno. Sua influência sobre outros escritores e pensadores, bem como sobre a vida americana, de maneira geral, mudou o modo são discutidos assuntos como “educação, democracia, liberdade, justiça e tolerância”. Os fundadores do pragmatismo – Dewey, entre eles – acreditavam que “as ideias não estão ‘lá fora’ esperando para serem descobertas”, uma vez que os pensamentos são “ferramentas – como garfos e facas e microchips – que as pessoas inventam para enfrentar o mundo em que elas se encontram”.

Antes de sua conversão ao pragmatismo, no entanto, Dewey era influenciado por Hegel, cuja obra ele havia conhecido na Universidade Johns Hopkins, instituição em que se doutorou em 1884 com uma tese sobre Kant. Naquela época, Dewey manteve

⁵ São considerados fundadores do pragmatismo: Charles S. Peirce (1839-1914), William James (1842-1910), George H. Mead (1863-1931) e o próprio John Dewey (1895-1952). Devido à pluralidade de abordagens e de temáticas entre eles, alguns estudiosos caracterizaram o pragmatismo não como uma corrente filosófica, mas como uma visão do mundo, uma atitude perante a vida.

⁶ Dewey passou a recomendar a seus alunos a leitura de *Principles of psychology*, obra capital de James publicada em 1890 (ver CUNHA, 1994).

contato muito próximo com George S. Morris, que tinha estudado na Alemanha e se tornara um dos principais responsáveis pela influência do hegelianismo nos meios intelectuais americanos (ver CUNHA, 1994). Segundo Westbrook (2010, p. 14), os primeiros trabalhos de Dewey foram uma tentativa de proteger a visão liberal cristã da “ameaça da ciência moderna”, representada especialmente pelo darwinismo, tarefa que julgou possível de ser realizada por intermédio do neo-hegelianismo. Sua contribuição a esse projeto resultou em uma “fusão inconvincente da metafísica idealista com os desenvolvimentos recentes da psicologia experimental”.

Quando era estudante secundarista em Vermont, seu estado natal, Dewey ficou muito impressionado pelas ideias de Charles Darwin, que lhe foram ensinadas na disciplina Fisiologia por intermédio da obra do inglês Thomas H. Huxley, um importante divulgador do darwinismo. Na ocasião, porém, talvez sob o impacto do hegelianismo de Morris, o jovem estudante ansiava por um mundo equilibrado segundo as propriedades que julgava existir no organismo humano. Quando escreveu “The influence of darwinism on philosophy”, porém, Dewey já estava convertido ao pragmatismo e afastado da influência de Hegel havia, pelo menos, vinte anos.

O discurso

“The influence of darwinism on philosophy” foi publicado em julho de 1909 na revista *Popular Science Monthly*. O texto foi originalmente composto na forma de uma aula ministrada naquele mesmo ano, integrando um ciclo de conferências públicas da Universidade de Columbia que abordavam a influência do naturalista inglês na ciência. Trata-se de um escrito relativamente curto, organizado em quatro partes, não ocupando mais do que dezenove páginas da aludida revista e apenas onze do volume em que foi publicado na edição das obras completas do autor. Apesar de sua reduzida extensão, o trabalho é considerado da maior importância no conjunto da produção deweyana, bem como no cenário mais amplo da filosofia contemporânea.

Conforme se antevê no título, o tema central do ensaio são as repercussões da teoria de Darwin no pensamento filosófico, decorrentes da publicação do livro *A origem das espécies*, em 1859, cinquenta anos antes do ciclo de conferências promovido em sua homenagem pela Universidade de Columbia.⁷ A manifestação de Dewey naquela cerimônia pode ser qualificada como um discurso epidítico, um dos três gêneros oratórios analisados por Aristóteles no Livro I da *Retórica* (ver ARISTÓTELES, 1998).

⁷ Curiosamente, 1859 foi também o ano do nascimento de Dewey.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 53-54) explicam que, entre os gregos da era clássica, os discursos classificados como políticos e judiciários consistiam em “verdadeiros combates” em torno de “matérias controvertidas”, com o objetivo de “ganhar a adesão de um auditório que decidia o desfecho de um processo ou de uma ação por emprender”. Enquanto os discursos políticos ocorriam nas assembleias, os judiciários eram próprios dos tribunais; os primeiros tinham por meta deliberar aconselhando o útil, ao passo que os segundos visavam promover o justo. Os epidíticos, por sua vez, abordavam “matérias que não pareciam duvidosas e das quais não se via nenhuma consequência prática”, deixando aos ouvintes o papel de espectadores. Os discursos desse último gênero eram muito comuns em situações festivas e fúnebres que reuniam os habitantes de uma ou mais cidades-estados, e a sua intenção era “reconhecer valores”, quer por meio do elogio, quer por meio da censura.

Como destaca Reboul (2004, p. 45-46), o que diferencia um gênero discursivo de outro são as espécies de auditório e a consequente necessidade de o orador ajustar-se a cada uma delas. Outro fator de diferenciação é o tempo: o gênero político diz respeito ao futuro, inspirando projetos a serem realizados pelos cidadãos; o judiciário refere-se ao passado, a fatos já ocorridos que devem ser qualificados e julgados pela audiência; o epidítico focaliza o presente, aquilo que, mesmo já sabido, merece ter “sua importância e sua nobreza” destacadas perante os ouvintes. O discurso epidítico é eminentemente pedagógico, pois pretende orientar o auditório quanto a escolhas a serem feitas no futuro.

Embora nos discursos epidíticos não seja solicitada nenhuma ação imediata à audiência, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 54-55) consideram que esse gênero constitui “uma parte central da arte de persuadir”. A apreciação de sua eficácia não deve ser prejudicada pelo lapso de tempo que transcorre entre o momento em que o auditório supostamente adere às teses do orador e o momento da ação eventualmente suscitada por essas mesmas teses. Por um lado, a “avaliação da eficácia de um discurso é sempre aleatória”; por outro, a adesão a um argumento “sempre pode ser reforçada”, e é justamente nesse ponto que reside a relevância do discurso epidítico, que se destina a lembrar e incentivar determinados valores.

O discurso de Dewey em “The influence of darwinism on philosophy” pode ser classificado como epidítico, primeiramente, porque a sua intenção é lembrar e exaltar a relevância do livro de Darwin para a filosofia, defendendo que a sua publicação não modificou concepções apenas no campo das ciências naturais, tendo repercussões

marcantes também na teoria do conhecimento e no tratamento dado a assuntos compreendidos na esfera da moral, da política e da religião. Segundo Dewey (1997, p. 1-2), o valor de Darwin reside em ter desalojado a crença de que o homem é conduzido por algo fixo e final, o que foi suficiente para encerrar uma etapa da história da filosofia.

Dewey (1997, p. 3) afirma que, ao contrário do que comumente se admite, o modo de pensar superado pelo darwinismo não teve origem na religião, mas nos domínios da ciência e da filosofia. Diante da necessidade de responder ao desconhecido, os primeiros filósofos imaginaram que o único saber genuíno é o que compreende um fim permanente que se realiza até mesmo nas coisas que se alteram, uma inteligência exclusivamente contemplativa que mantém as transformações dentro dos limites de uma verdade imóvel. A visão típica da “filosofia clássica da natureza e do conhecimento” (idem, p. 8) expõe a crença de que a natureza “não faz nada em vão”, que “tudo tem um propósito por trás” e que existe uma “força espiritual causal” que só é apreendida por intermédio de uma “razão iluminada” (idem, p. 10).

A ciência moderna já vinha alterando esse modo de pensar, mas foi Darwin quem consolidou esse processo, ao mostrar que as adaptações orgânicas ocorrem precisamente por causa da variação. A visão darwinista acerca desse tema tornou obsoleta qualquer força inteligente e causal prévia, de ordem sobrenatural, a que se possa atribuir a responsabilidade por planejar e determinar as mudanças. Dewey (1997, p. 18) explica que, sob a influência de *A origem das espécies*, os filósofos deixaram de entender a mudança como algo falho e irreal, e admitiram que o progresso do conhecimento está vinculado à projeção de “hipóteses” e à sua subsequente aplicação prática.

Segundo Dewey (1997, p. 13), a influência de Darwin fez com que a filosofia renunciasse à pretensão de descobrir “origens absolutas” e “finalidades absolutas” e passasse a investigar “valores específicos”, buscando compreender as “condições específicas” em que surgem as explicações oferecidas a esses valores. Essa nova maneira de tratar o conhecimento permitiu o afloramento de um inédito senso de “responsabilidade intelectual”, contrariamente à atitude que se comprazia em “idealizar e racionalizar o universo”. A filosofia é agora pautada na “compreensão das condições específicas de valor e das consequências específicas de ideias” (idem, p. 17-18), assumindo que o essencial de sua contribuição reside em “projetar hipóteses para a educação e a conduta da mente individual e social”, a fim de que tais projeções “funcionem na prática”.

A manifestação de Dewey pode ser considerada pertencente ao gênero epidítico também por conter a intenção de orientar o auditório, uma vez que explicita o que é a filosofia contemporânea. O tom do discurso adotado no ensaio é pedagógico, não suscitando debate quanto ao objeto em exame; ao contrário, o texto simplesmente ensina, define, esclarece. Ensina que a filosofia tradicional é coisa do passado, já superada, e que, no presente, o termo *filosofia* deve ser identificado com o modo de pensar decorrente do darwinismo. Nesse aspecto, na homenagem de Dewey a Darwin encontra-se um segundo homenageado, a quem os ouvintes são incentivados a seguir: é a própria filosofia, que conseguiu superar seus entraves históricos e encontrou, finalmente, a sua mais adequada definição.

A interpretação do discurso

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 141-143) consideram que certos textos contêm uma “argumentação implícita, que constitui o seu essencial”, devendo, por isso, ser alvo de uma interpretação que explicita “o conjunto das intenções do autor”. Com exceção dos casos que remetem a fatos absolutamente objetivos e inquestionáveis, se é que eles existem, todo discurso merece ser interpretado, pois a “impressão de clareza” resulta, muitas vezes, de “ignorância” ou de “falta de imaginação”. A “necessidade de interpretar” constitui a regra, e a abstenção de realizar essa tarefa deve ser admitida somente como “situação excepcional e artificial”.

Uma das chaves da interpretação retórica proposta por Reboul (2004, p. 142-143) reside em identificar *a quem* se dirige o texto, pois cada discurso contém um “acordo prévio” com o auditório, em que se levam em conta as características psicológicas e as competências da audiência, entre outros fatores. Assim, “não há diálogo, nem mesmo argumentação, sem um entendimento mínimo entre os interlocutores, entendimento referente tanto aos fatos quanto aos valores”. Tal acordo é revelado pelo próprio texto, “pelo não-dito, pela ausência das provas que seriam de esperar”, por alusões e modos estereotipados de expressão. Em retórica, mais do que examinar *o que* é dito e *quem* o diz, importa compreender *como* se diz.

Embora o discurso enunciado em “The influence of darwinism on philosophy” pareça absolutamente claro e desprovido de ambiguidades, cabe examinar o acordo proposto por Dewey ao auditório, buscando localizar, entre outros elementos, o que se encontra não-dito no texto. O acordo sugerido torna-se evidente quando indagamos se o autor, ao mencionar a influência de Darwin, refere-se à filosofia como ciência unívoca

ou a determinada concepção filosófica. Ao que tudo indica, quando Dewey define “filosofia”, ele se refere ao pragmatismo, na verdade, e não à filosofia como um todo. Essa apreciação é confirmada por Hahn (1977, p. xiii), para quem o objetivo do ensaio de Dewey acerca de Darwin não é examinar a teoria darwinista, mas expor os fundamentos da “nova perspectiva pragmática”, destacando sua ênfase “na mudança, no múltiplo e no heterogêneo, bem como no específico”.

Se analisarmos as características do que Dewey chama de “filosofia” em seu texto, veremos que se trata, obviamente, da perspectiva pragmática surgida com Peirce e James, à qual ele mesmo ofereceu notáveis contribuições. Muitos de seus trabalhos podem ser mencionados para ratificar essa observação, mas o livro que mais se destaca, dentre todos, é *Reconstrução em filosofia*, publicado em 1920, decorrente de conferências proferidas no Japão no ano anterior. Quando os estudiosos discutem a visão deweyana acerca da história da filosofia, esse livro é certamente o mais lembrado, tanto por ser inteiramente dedicado a esse tema, quanto por apresentar o pragmatismo como decorrente de uma crítica às grandes correntes filosóficas.

Em *Reconstrução em filosofia*, o diagnóstico de Dewey (1959, p. 59-60) sobre a história da filosofia mostra que o pensamento filosófico sempre assumiu “a missão de demonstrar a existência de uma realidade transcendente, absoluta ou profunda”, na tentativa de “revelar ao homem a natureza e os predicados característicos desta última e suprema realidade”. A filosofia distinguiu-se por constituir “um órgão de conhecimento mais elevado do que o empregado pela ciência positiva e pela experiência prática vulgar”, podendo assim oferecer uma compreensão mais racional da realidade. Os filósofos sempre atribuíram à existência um significado distante da experiência comum, justificando as ações humanas por meio de valores situados em um plano transcendental, excluindo o ambiente como fator de explicação das noções intelectuais e morais aplicadas à vida.

De acordo com a narrativa elaborada por Dewey, as tendências dominantes do pensar filosófico surgidas entre os séculos XVI e XIX continuaram fiéis à visão tradicional, particularmente no tocante à concepção de conhecimento. É certo que a modernidade representou uma reviravolta política e intelectual, explica Dewey (1959, p. 74): os estados passaram a ser vistos “menos como princípio supremo que tudo rege e mais como invenções de homens e mulheres em ordem a satisfazerem seus desejos”, ao mesmo tempo em que um novo pensamento religioso libertou a consciência e o culto individuais. Acima de tudo, os reformadores perceberam que a doutrina das causas

finais era “a causa do malogro da ciência”, e uma nova concepção de ciência libertou a natureza das “faixas de fins fixos que a comprimiam”, tornando a observação, a imaginação e a experimentação ferramentas fundamentais para o conhecimento.

Embora admita os avanços ocorridos na era moderna, Dewey (1959, p. 78-79) considera que certa característica da tradição teve continuidade: o “idealismo baseado na metafísica da antiguidade clássica” foi apenas substituído por um “idealismo baseado na epistemologia, ou teoria do conhecimento”; o idealismo deixou de ser “metafísico e cósmico para se tornar epistemológico e pessoal”. A tradição antiga permaneceu “inconscientemente nos modos de pensar”, comprometendo “a expressão das forças e aspirações realmente modernas”. A superação dos moldes tradicionais tornou-se possível somente com Darwin, que abalou definitivamente o “dogma” das “espécies fixas e invariáveis” que ainda dominava a ciência (idem, p. 97).

Como se pode notar, as análises contidas no livro de 1920 coincidem com as que se encontram no ensaio de 1909, no que diz respeito ao posicionamento de Dewey perante a história da filosofia. A mesma coincidência pode se observada no que tange à nova filosofia proposta por Dewey em *Reconstrução em filosofia*, cujo traço central – o caráter hipotético – é mencionado em “The influence of darwinism on philosophy”. No livro, Dewey (1959, p. 146) esclarece que teorias, noções e sistemas filosóficos devem ser vistos sempre como hipóteses, podendo ser aceitos somente mediante o uso, “nunca como algo de último e final”. No campo da moral, portanto, são necessários métodos de pesquisa e de planejamento para localizar dificuldades e esboçar planos de ação, deslocando-se o pensamento “da preocupação com conceitos gerais para o problema de desenvolver métodos eficientes de pesquisa” (idem, p. 164).⁸

A diferença entre “The influence of darwinism on philosophy” e *Reconstrução em filosofia* não reside no que está dito nos dois textos, mas no que está “não-dito” no primeiro. Para elucidar o que é apenas sugerido no ensaio, seria preciso acrescentar à palavra “filosofia” – quando associada à influência de Darwin – o seguinte complemento de teor explicativo: entendendo-se por “filosofia” determinada corrente filosófica, o pragmatismo oriundo de Peirce e James e atualmente desenvolvido por Dewey.⁹

⁸ *Human nature and conduct*, livro publicado dois anos depois de *Reconstrução em filosofia*, aprofunda a concepção filosófica deweyana, nos mesmos termos. Seguindo o caminho aberto por James e Mead, Dewey defende que a mente é uma instância biológica que se forma e se efetiva no âmbito social, e que o desenvolvimento da consciência ocorre na interação mútua entre os organismos, em condições ambientais dadas.

Ao não enunciar esse complemento, Dewey emprega uma curiosa estratégia argumentativa, a inclusão do todo na parte, quando o mais comum é a inclusão da parte no todo (ver PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p. 262). Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 220) situam esse último recurso no rol das argumentações “quase-lógicas”, que podem ser apresentadas de forma “mais ou menos explícita”, com o orador designando os raciocínios formais a que se refere ou deixando que eles constituam uma “trama subjacente” de seu discurso. Embora não recorra à estratégia usual, o procedimento de Dewey é justamente o de deixar implícita a trama de seu discurso, a qual opera como um acordo firmado implicitamente com seu auditório.

Quando as partes são incluídas no todo, produz-se, obviamente, um efeito de inclusão, pois tudo o que se apresente como específico é englobado nos qualificativos do que é genérico. Ao contrário, a inclusão do todo em uma única parte resulta em exclusão, uma vez que as dimensões do específico não comportam a amplitude de caracteres do genérico. Trata-se, em última instância, de uma redefinição do significado do “todo”, passando o posto de totalidade a ser ocupado, então, pelo que se entendia como “específico”. Ao reduzir toda a filosofia ao pragmatismo, Dewey institui o pragmatismo como “a filosofia”; tudo o que não se identifique com o pragmatismo deixa de ser qualificado como filosofia.

Essa análise pode ser compreendida por meio do *layout* de argumentos proposto por Toulmin (2001), articulando-se o discurso de Dewey como segue: a premissa menor enuncia que o darwinismo alterou o modo como se concebe a existência humana, e a conclusão afirma que a filosofia incorporou o modo darwinista de conceber a existência humana. Nessa configuração, nota-se claramente a ausência da premissa maior, cuja função é garantir a passagem da menor à conclusão. Com os elementos da análise feita acima, o argumento deweyano torna-se então completo: a premissa menor diz que o darwinismo alterou o modo como se concebe a existência humana; a maior, que o pragmatismo incorporou o modo darwinista de conceber a existência humana; e a conclusão declara que a filosofia incorporou o modo darwinista de conceber a existência humana.

Do ponto de vista retórico, a conclusão só se torna viável se for aceito o seguinte apoio argumentativo oferecido à premissa maior: ao incorporar a concepção darwinista

⁹ Talvez a ênfase devesse recair em James, cuja biografia registra marcante conversão ao darwinismo. James participou com o naturalista suíço Louis Agassiz de uma expedição pela região amazônica brasileira em 1865, sendo, por muitos anos, um entusiasta das teses evolucionistas de Herbert Spencer. No entanto, ele já havia divergido de ambos e aderido ao darwinismo quando redigiu *Principles of psychology*, obra que influenciou a formação intelectual de Dewey (ver o capítulo 2 de MURPHY, 1993).

acerca da existência humana, o pragmatismo influenciou todas as demais correntes da filosofia, suprimindo as diferenças entre elas, o que significa dizer que toda a filosofia tornou-se orientada pela visão de mundo pragmatista. Uma vez acatado esse apoio, os termos “filosofia” e “pragmatismo” tornam-se idênticos, permitindo a conclusão do argumento. Dewey não explicita a premissa maior nem oferece as argumentações necessárias para apoiá-la porque, como já foi indicado acima, tais enunciados fazem parte do acordo implicitamente proposto por ele ao auditório.

Considerações finais

A pesquisa sobre o ensaio “The influence of darwinism on philosophy” de John Dewey, cujos primeiros resultados este trabalho sumaria, tem ainda muitos aspectos a examinar, particularmente quanto às relações do autor com o auditório a quem o texto se dirige. Um dos caminhos a seguir, mediante os recursos da análise retórica, consiste em investigar os motivos por que o autor omite a premissa maior de seu raciocínio, ou, em outras palavras, as razões pelas quais não explicita a trama discursiva que reduz a filosofia ao pragmatismo.

Uma hipótese a ser discutida tem por base a caracterização do discurso de Dewey como entimemático, um tipo de argumentação que, segundo afirma Aristóteles no Livro I da *Retórica* (ver ARISTÓTELES, 1998), não necessita explicitar uma das premissas ou mesmo a conclusão do raciocínio porque os seus conteúdos já são conhecidos pela audiência. Nesse caso, pode-se dizer que Dewey, ao elaborar o texto sobre o darwinismo, tinha em mente não um “auditório universal”, mas um “auditório particular” (ver PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p. 34-39), um grupo seleto de intelectuais cujas qualificações permitiam a aludida omissão.

Complementarmente a essa hipótese, pode-se aventar a possibilidade de que Dewey tenha efetuado tal omissão por acreditar – e confiar que seu auditório também acreditasse – que toda a filosofia já era norteada pelos parâmetros adotados pelo pragmatismo, sob a influência da concepção darwinista. Sendo assim, tornava-se absolutamente dispensável que o texto contivesse uma proposta para a mudança da filosofia, uma vez que isto já se encontrava realizado. Bastava, portanto, um discurso que, expressando o otimismo do autor, constatasse a mudança; um texto pedagógico, explicativo, como é o discurso do ensaio, segundo a análise feita neste trabalho.

Ainda no intuito de explorar essa mesma hipótese, vale notar que o discurso veiculado no livro *Reconstrução em filosofia* é bastante diferente do que se lê em “The

influence of darwinism on philosophy”, no que tange ao sentimento do autor ante a filosofia. Se, em 1909, Dewey acreditava que as concepções pragmatistas já eram dominantes no cenário filosófico, em 1920 ele se vê instado a propor a transformação que julgava necessária, enfatizando a urgência em reconstruir a filosofia.

No prefácio à segunda edição do livro, publicada em 1948, Dewey (1959, p. 17) declara que a Primeira Guerra Mundial foi um “choque para o período de otimismo” até então vigente, quando se acreditava no “progresso contínuo em direção ao mútuo entendimento entre povos e classes”. Foi naquele momento otimista que Dewey escreveu “The influence of darwinism on philosophy”, talvez acreditando que a filosofia já estivesse contribuindo para a realização do referido entendimento.

Referências

ANDRADE, Erika N. Fernandes. *O discurso de John Dewey sobre natureza humana e conduta: contribuições à psicologia e à educação*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2009.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1998.

ARAÚJO, Rita de Cássia Pimenta. *Lógica, investigação e democracia no discurso educacional de John Dewey*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2009.

BERTI, Enrico. *Aristóteles no século XX*. Tradução Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 1997.

BOYDSTON, Jo Ann. *The Collected Works of John Dewey (1882-1953)*. Intalex Past Masters – Electronic Edition.

COSTA-LOPES, Viviane. *O ceticismo em John Dewey: a busca da certeza*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2010.

COSTA-LOPES, Viviane; CUNHA, Marcus Vinicius. Novas contribuições ao estudo do ceticismo em John Dewey. *Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 55-67, jan./jun. 2009.

CUNHA, Marcus Vinicius. *John Dewey: uma filosofia para educadores em sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. Comunicação e arte, ou a arte da comunicação, em John Dewey. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 86, n. 213/214, p. 9-20, maio/dez. 2005.

_____. História da Educação e Retórica: *ethos* e *pathos* como meios de prova. *Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 37-60, jul./dez. 2007a.

_____. Leituras e desleituras da obra de John Dewey. In: BENCOSTA, Marcus Levy A. (Org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007b.

_____; RIBEIRO, Aparecida Pin; RASSI, Nicole. A presença de Aristóteles no livro *Como pensamos* de John Dewey. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 46, p. 83-107, dez. 2007.

_____; SACRAMENTO, Leonardo Freitas. Os gregos nas estratégias argumentativas de John Dewey. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, v. 12, n. 35, p. 278-289, maio/ago. 2007.

DEWEY, John. *Reconstrução em filosofia*. Tradução António Pinto de Carvalho. 2. edição. São Paulo: Nacional, 1959.

_____. The influence of darwinism on philosophy. In: DEWEY, John. *The influence of darwinism on philosophy and other essays*. New York: Prometheus Book, 1997.

HAHN, Lewis E. Introduction. In: BOYDSTON, Jo Ann. *The Collected Works of John Dewey. The Middle Works, v. 4 (1907-1909)*. Carbondale/Edwardsville: Southern Illinois University, 1977 (Electronic Edition).

MENAND, Louis. *The Metaphysical Club: a story of ideas in America*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2001.

MOREIRA, Carlos O. Fiúza. *Entre o indivíduo e a sociedade: um estudo da filosofia da educação de John Dewey*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

MURPHY, John. *O Pragmatismo: de Peirce a Davidson*. Tradução João Costa. Porto: Asa, 1993.

_____. *Retóricas*. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TOULMIN, Stephen. *Cosmopolis: the hidden agenda of modernity*. Chicago: University of Chicago, 1990.

_____. *Os usos do argumento*. Tradução Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VALDEMARIN, Vera Teresa. *História dos métodos e materiais de ensino: a escola nova e seus modos de uso*. São Paulo: Cortez, 2010.

WESTBROOK, Robert. The making of a democratic philosopher: the intellectual development of John Dewey. In: COCHRAN, Molly (Org.). *The Cambridge companion to Dewey*. Cambridge: Cambridge University, 2010.

Artigo encomendado pelo Conselho Editorial da Revista